

Leandro Gomes de Barros

Como Antonio Silvino fez o diabo chocar

QUEIXAS AMOROSAS



Manuel e Silva de Aguiar Tomo

Cat. 260



**Como Antonio Silvino
fez o diabo chocar**

Eu tive a vida tranquilla —
Como qualquer innocente,
Pegaram-me aperriar
Tornei-me assim imprudente,
O boi manso aperriado
Arremette certamente.

Um cabra matou meu pai
E ficou bem descançado,
Disse a um irmão que eu tinha
—Meu pai ha de ser vingado, —
Inda o cabra lá no inferno
Lá mesmo é esquartejado.

Meu irmão não foi commigo,
Eu fui a povoação
Matei esse dito cabra,
Atirei-lhe num irmão,
Dei em dois cunhados delle
Botei-lhe a casa no chão.

Havia um parente delle
Que era subdelegado,

Neste eu baixei o cacete
Quasi que o deixo aleijado
Metti o páu no pai delle
Deixei-o no chão deitado.

Com quinze dias depois
Fui á villa de Ingazeira,
Matei o chefe politico,
Fiz se desmanchar a feira,
Desta vez o promotor
Sahiu de lá na carreira.

Voltei, disse a meu irmão:
Não fiz mais porque não pude,
Pará vingar a meu pai
Só quero que Deus me ajude.
O sangue que derramei
Dava para encher açude.

Dahi em diante a policia
Tomou commigo cuidado
Eu tambem abri o olho,
Viyo sempre preparado,
Póde ella um dia apanhar-me
Mas é de corpo fechado.

Meu grupo consta de seis,
Tenho boa munição,
Mais de seiscentos cartuchos,
Rifle, punhal e facão

E uma pistola Mauser
Não sahe do meu cinturão.

Por ahi ha muita gente
Que diz que eu sou encantado,
Meu encanto é porque corro
Não espero por soldado.
Se eu nunca fui commandante...
Quero esse povo ao meu lado?

As orações que eu conduzo
E' correr e ser ligeiro,
Ouvir bem e ver melhor,
Conhecer ilha e oiteiro,
Não volto por onde vou,
Não confio em companheiro.

Confio em S. Dorme Pouco,
S. Assustado é commigo,
Amo a S. Escondedor,
Que me salva do perigo.
S. Pode Vir não me engana,
S. Seguro é muito antigo.

De cento e quarenta homens
Com quem eu tenho luctado,
Apenas encontrei tres,
Esses me deram cuidados,
Se eu não fosse tão ligeiro
Elles tinham me guizado.

Um delles foi um rapaz
Bem descorado de côr,
Esse logo que me viu
Foi me dizendo—Senhor,
Quem nunca curou ferida
Não sabe que cousa é dor.

E eu lhe disse—amarello,
Estás virando lobishomem,
Sem duvida vens beber sangue
Amanheceste com fome,
Perdeste tua viagem
Hoje o urubú te come.

Elle nem me deu resposta,
Puchou por uma pistola
Atirou-me bem no peito,
Quasi que o bicho me esfolla.
E eu lhe gritei amarello,
Vontade tambem consola,

Mais de quarenta minutos
Nós luctamos nos punhaes,
Os tiros de nossas armas,
Descarregaram-se eguaes,
Só dois touros com furor
Ou duas cobras voraes.

O outro foi um creoulo
Para ganhar cem mil réis,

Este brigava sosinho
Que parecia ser dez.
No logar onde morava
Tinha fama dos aneis.

Esse com seis punhaladas
Não mudava mais um passo,
Estava em ancias de morte,
Poude apanhar um compasso
Vibrou-me em cima do peito
Quasi me aleija um braço.

O outro foi um cabôclo...
Esse mandou me dizer
No dia que me encontrasse
Eu havia de saber,
Como se perdia lucta
E se aprendia a morrer.

Nos encontramos de noite
Fomos ambos á facão,
Elle parecia um tigre,
Eu parecia um leão,
Nossas armas davam fogo
Só se tivessem carvão.

Antes de dar meia noite
Eu ganhei, elle perdeu,
Sentei-lhe o facão no craneo
Que o caboclo estremeceu,

O miolo da cabeça
Com este golpe desceu.

Dahi os parentes delles
Pegaram a me perseguir,
Elles muito e eu sosinho
Não podia resistir,
Matei mais uns quatro delles
Tratei de me escapolir.

Fui dar um giro em Belmonte,
Triumpho, Exú e Salgueiro,
De lá fui á Petrolina,
Visitei o Joazeiro
Em procura de um capanga
Que era muito alcoviteiro.

Lá matei o desgraçado
E voltei para Granito,
Fui atraz d'outro chaleira
Em S. José do Egypto,
Quasi que um cabra me lambe
Mas lá eu briguei bonito.

De S. José do Egypto
Fui passeiar no Teixeira,
Andei na Immaculada,
Santo Antonio e Catingueira,
Villa da Misericordia,
Pombal, Souza e Cajazeira.

Eu estava na Cajazeira
A policia me cercou
Devido a um meu inimigo
Que lá me denunciou,
Levei cento e vinte tiros
Porem nenhum me pegou.

Vi a cousa perigosa,
Pulei por uma janella
Estava em trajos de soldado
Fingi-me ser sentinella.
Depois de fóra gritei
—Não sou eu quem caio nella!

Brigar com vinte e dois homens
Um sosinho, não é luxo!
Dos punhaes que elles traziam
As bainhas eram meu bucho,
Pulei e disse commigo
—Fiquem queimando cartucho.

Corri tanto nessa noite
Que quasi morro cançado,
Subi numa serra enorme
Um penhasco desgraçado,
Passou-se um drama commigo
Que quasi morro assombrado.

Vi uma cova na terra
Que ia de cima ao centro,

Consultei com os meus botões
Se devia ir alli dentro...
E disse, se ella couber-me
Porque razão eu não entro?

Levei o punhal nos dentes,
O rifle na outra mão,
A Mauser em baixo do braço,
Apertei o cinturão,
Agarrei-me num cipó
E lá fui no socavão!...

Então no centro da terra
Deparei com uma clareira
Dahi segui a uma estrada
Limpa de uma tal maneira,
Fiz um juizo commigo:
—Essa estrada dá em feira...

E segui de estrada fóra
Premeditando sosinho,
Alli não chiava um grillo,
Não cantava um passarinho
Era um logar exquisito.
Fazia medo o caminho.

Eu fazia mil juizos
Mas sempre desacertado,
Vinha ás vezes uma idéa
Que era um logar encantado,

Pensava que isto era um sonho
Porem eu estava acordado.

Adiante vejo dois vultos
Veio-me á imaginação
Não fossem meus inimigos
Em minha perseguição,
Mas o da frente era um padre
O de traz um sachristão.

O padre chegando perto
Com respeito me saudou,
O sachristão muito humilde
Tambem me cumprimentou,
Eu perguntei-lhe assombrado
Padre mestre—onde é que estou?

O padre me perguntou
Encontraste alguém ahi?
Eu disse—padre me diga
Que logar é este aqui?
Disse o padre: é o inferno
E o diabo móra alli...

Eu sou capellão de lá,
Eu e esse meu compadre.
A mãe delle mora lá
Que é minha amazia e comadre,
Nós vamos para a Bahia
Ao casamento de um padre.

Perguntei—e padre casa?
—Casa-se um desta vez...
Um velho tem sete filhas
Elle namorou com tres,
Casa-se hoje com uma,
Fica amigado com seis.

Adiante sahi num campo
Avistei um povoado
Era a rua do inferno
Estava o diabo occupado,
Confessando um nova-ceita
Que ha pouco tinha chegado.

Bati num portão de ferro
Veio um diabo na grade
Perguntou-me—tem negocio
A tratar nesta cidade?
Eu cá já fiquei scismando
Não sejas tu algum frade.

Porque aqui teve um frade
Que o rei damnou-se com elle,
Ageitou o rei do inferno,
O rei confiou-se nelle
O frade fugiu de noite
E carrregou a mãe delle...

Ahi chegou o diabo.
Quando chegou no portão

Me perguntou—quem és tu?
O que é que tens na mão?
Ahi apontei-lhe o rifle
E lhe mostrei o facão.

Disse o diabo—eu de ti
Hei de fazer um guizado,
Chegou aqui me pertence
Pode estar desenganado,
Então ahi eu lhe disse
—Vosmincê está envergado.

Eu hoje tambem preciso
De descarregar meu rifle,
Você não fica com osso
Que eu o não espatife,
Com esse punhal o sangro,
Com o facão faço bife.

Ahi o rei do inferno
Disse a outro companheiro,
Grite á negrada que acuda
Que aqui tem um cangaceiro
E abra o olho com elle
Elle é muito carniceiro.

Ahi eu baixei o rifle
Botei o portão abaixo
A cabeça do diabo
Ficou igualmente a um facho

E disse—você conheça
Que aonde procuro acho.

Então o diabo disse:
—Seu capitão vá embóra
Se quer dou-lhe um portador
Para ir botal-o fóra,
Eu disse—ainda não estou cansado
Sou saio quando fôr hera.

Não tem mais um só logar
Que eu não tenha experimentado,
Em toda parte do mundo
Tenho defuncto plantado,
Falta o céu, mais o inferno
Já foi por mim explorado.

O diabo perguntou-lhe:
—O sr. de onde vem?
Quem é e como se chama?
Que profissão é que tem?
Eu sou Antonio Silvino
Que não respeita ninguém.

Venho do mundo dos vivos,
Sahi esta madrugada
Vim visitar Rio Preto
E dar adeus a Cocada,
Vá me chamar Antonio Felix
Meu collega e camarada.

Então diga a Relampago
Meu antigo companheiro
Que agora faço intenção
Deixar de ser cangaceiro,
Isto é, não deixo o rifle
Que é quem me rende dinheiro.

Assim que o diabo ouviu
Tas palavras eu dizer
Perguntou a outro diabo
Aonde eu vou me esconder?
Eu disse—espere um pouquinho
Temos muito o que fazer.

O diabo estremeceu
A meus pés ajoelhou-se
Pedi-me dez mil desculpas,
Depois disto confessou-se
Tanto que outro diabo
Gritou de fora—damnou-se!

Aqui não ha exaggero
Só digo o que se passou...
No céu ainda não fui
Nem sei se ainda lá vou,
Pintei o Simão no mundo
E o diabo de mim chocou.

Agora vou ao governo
Elle ha de me dar perdão,

Se não fizer como eu quero
Já vê que é feia a questão,
Boto um freio no Brasil
Sustento a rédea na mão...

Queixas amorosas

Adeus, Chiquinha, meu bem!
—Seu Gregorio como vae?
—Eu com medo de seu pae
Não vou bem.

Porque dizem que elle tem
Vontade de me pegar,
Gregorio, quem vae lhe contar
Essa historia?

Foi minha tia Victoria
Que hontem viu elle dizendo
Que andava se comendo
De ciume.

Papae tem esse costume
De andar pastorando a gente,
Eu como sou innocente
Não me importa...

Gregorio ainda eu estando morta
Ou estando mesmo expirando,
Ainda papae me espiando
Eu namoro...

Olhe lá que eu desadoro
Quande eu te vejo ao meu lado!
Papae está desconfiado
Commigo.

A's vezes em conversa digo:
—Eu gosto de seu Gregorio.
De Joãozinho e de Izidoro
Não me esqueço.

Seu Chico eu aborreço,
Mas gosto de seu Mané,
Já namorei com José
Mas deixei.

—Chiquinha, eu desconfie
Tive queixa de você,
E lhe peço que não dê
Mais desgosto.

Grégorio é bom um encosto!
Pois você estando casado
E eu tendo um namorado
Não lhe ajuda?

Um desses talvez lhe acuda
Se você cahir doente,
E uma pessoa somente
O que faz?

Bastam seis, não quero mais,
Basta que assim Deus me dê,
Porque sabe que você
Está na ponta.

Chiquinha, olhe esta conta!
Mais de um amor eu não quero.
Disse ella—eu desespero
Com isto...

Minha mãe como tem visto
Com seus sessenta janeiros,
Tem mais de dez cavalheiros
A seu favor.

Só a meu pai tem amor,
Os outros— por brincadeira!
Você é quem tem essa asneira
De ciume.



6092

**O autor reserva o direito de pro-
priedade**

(LGA)

a parte
por delictuosa
Você é quem tem essa asneira
Da ciurma

(LGA)